



Reflexões

por Alex Garcia Marca

Professor de Biologia do IFF Campus Itaperuna | lattes.cnpq.br/5526481923323175

Em um certo dia a Professora Josélia “abordou-me” na sala de convivência e fez-me um convite para participar do informativo “Diálogos Pedagógicos”. Espanto meu!!!! Em segundos, creio eu, dei o aceite. E agora? Concomitantemente ao diálogo, comecei a refletir sobre qual ou quais a(s) possibilidade(s) teria para a elaboração do texto. Estou refletindo até agora e provavelmente continuarei a reflexão mesmo depois da publicação deste texto.

Para as minhas considerações, escolhi algumas citações que ouvi ou li, pois acho que esse ato é contínuo e perdura (ou perdurará) por toda a existência humana. Não querendo plagiar e com dificuldades de creditar todos os direitos autorais das citações e das respectivas reflexões, peço ao leitor que, caso deseje, procure nos sites de busca tais autorias.

Sem mais delongas e na expectativa de cumprir a minha tarefa, segue minha singela contribuição:

Parto das premissas abordadas nas letras das seguintes músicas: Tempo Perdido (Legião Urbana - 1986), que relata a “fugacidade e fragilidade do tempo, que passa de forma veloz, cada vez mais escasso devido ao excesso de afazeres e cobranças”; Como Uma Onda (Lulu Santos - 1983), “indicando que a vida está em constante movimento e transformação e que o passado não pode ser recriado e que o presente é sempre um novo começo”; e Até Quando? (Gabriel Pensador - 2001), que cita em um trecho “Muda, que quando a gente muda o mundo muda com a gente / A gente muda o mundo na mudança da mente”.

Assim, com interpretação muito subjetiva, faço a minha explanação.

Ponderando o exposto acima, noto uma grande semelhança com os dias atuais, nos quais temos: a sensação do tempo passar muito rapidamente, as diferentes formas de cobrança (internas e externas) e a nossa relativa incapacidade de mudar/transformar, levando-me a crer que para tudo, de forma independente, individual, diuturnamente e em praticamente toda a nossa vida, com o livre arbítrio para tomar decisões, temos que exercer o ato de escolher e “As escolhas fazem parte da vida e são inevitáveis. Assim como lidar com as consequências (boas ou ruins) também são inevitáveis.”

Acho que atualmente, apesar das diversidades individuais, alguns desafios são muito maiores do que aqueles vividos há décadas. Não por comparação direta e sim por vivermos na chamada “era da informação”, algo que nos “atropelou” e que não sabemos ainda como lidar com um de seus efeitos, a aceleração

da vida de um modo geral. “A vida moderna tem nos tirado a capacidade de processar a quantidade de informações, mudanças, escolhas e desafios do nosso dia a dia. Isso nos obriga a abrir mão de uma análise mais cuidadosa de todos os prós e contras envolvidos na tomada de decisão, buscando por ‘atalhos’ com base em dados mínimos”.

Nessa era, nasceram algumas “ferramentas”, das quais destaco o Telefone Celular e a Inteligência Artificial, que eu adjetivo como “vilões”. Ponho entre aspas o termo, pois, no momento, ainda não sabemos como controlar a impulsividade, o vício e a letargia, dentre muitos outros sentimentos que esses recursos nos acometeram, não só como indivíduos, mas como humanidade. Essa nova ordem nos faz lembrar também a potencialidade do domínio de informações e conhecimento por poucos e a consequente manipulação das massas.

Certamente essas ferramentas vieram para ficar e infelizmente nós não sabemos, no momento atual, como usufruir todo o seu potencial. Estamos, de forma antagônica, utilizando-as “pro bem e pro mal”. Como diz a expressão popular: “Quem nunca comeu melado, quando come se lambuza”.

Indago: Devemos pará-las, acabar com a sua existência ou tentar utilizá-las de forma mais consciente e eficiente? Será que algum dia, em alguma geração vindoura, teremos a capacidade de conviver com tais ferramentas e com outras que ainda virão? Como utilizá-las em toda a sua potencialidade para melhorar a nossa humanidade nos seus diferentes sentidos? Como evitar que haja o domínio e a manipulação das populações a partir de tais ferramentas/recursos? Poderia fazer muitas outras perguntas...

Para todas as questões, devemos achar respostas. Para encontrar as respostas, devemos ter conhecimento, sabedoria, informações, ideias, fundamentos,

bases, alicerces, princípios. Digo que “Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa, nunca tem medo e nunca se arrepende” (Leonardo da Vinci).

Volto às premissas citadas inicialmente e às nossas escolhas. Fico pensativo e reflexivo quanto às gerações futuras. Caso algo não seja “estartado” em um curto espaço de tempo, como essas ferramentas ou recursos serão utilizados? Do mesmo modo que estamos utilizando na atualidade? “Você não muda as coisas lutando contra a realidade atual. Para mudar algo é preciso construir um modelo novo que tornará o modelo atual obsoleto”, já nos advertia Buckminster Fuller – 1895/1983.

Só pra lembrar que o nosso momento é o agora e *Pra não dizer que não falei das flores , Quem sabe faz a hora / Não espera acontecer* (Geraldo Vandré – 1968) e *[Que] a vida é trem-bala, parceiro / E a gente é só passageiro prestes a partir* (Ana Vilela – 2017).